OPINIÃO SOCIALISTA
O JORNAL DO PSTU
ANO IX - EDIÇÃO 202
DE 02 A 08/12/2004
COLABORAÇÃO: R$ 2
WWW.PSTU.ORG.BR
PROTESTOS CONTRA O GOVERNO LULA PARAM BRASÌLIA
PLEBISCITO NACIONAL
MAIS DE 50000 DIZEM NÃO A REFORMA
TAXAÇÃO DOS INATIVOS
RICARDO BERZOINI
TRAIDOR DO POVO
PSTU
CONTRA O NEOLIBERALISMO
LULA está entregando
reservas de petróleo
SINDIPETRO AL/SE
SINTES/SE
SINDICAGESE/SE
SENALBA-BA, PB, RN
APOIAM OS COMPANHEIROS
SENALBA
PÁGS. 6 E 7

TROPAS COLONIAIS *A União Européia anunciou que em três anos terá treze unidades militares de intervenção rápida que poderão se deslocar para qualquer lugar em situações de "crise".*

PÁGINA DOIS

COINCIDÊNCIA *Dois dos policiais federais que fecharam uma rinha de galo no Rio de Janeiro e prenderam Duda Mendonça, o marqueteiro de Lula, foram transferidos para o interior do estado.*

ÓBVIO ULULANTE

Incomodado com a degola de ministros petistas para dar lugar ao PMDB, ao PTB e ao PP, o candidato do PT derrotado à Prefeitura de Porto Alegre, Raul Pont, saiu atirando: "É vergonhoso o método que havia quando eu era deputado federal e continua existindo, de ratear verbas no Orçamento. Isso só estimula o clientelismo", disse o ex-candidato, que, no entanto, demorou para descobrir o óbvio.

PÉROLA

"Um Ministério que conte com estrutura orçamentária e financeira, caneta e tinta."

JOSÉ BORBA, *líder do PMDB na Câmara, dizendo ao Jornal Nacional, que tipo de Ministério seu partido gostaria de obter do governo Lula.*

CHARGE / *GILMAR*

VOZ DA EXPERIÊNCIA

Ex-primeiro-ministro espanhol, o "socialista" Felipe Gonzáles aconselhou Lula a não se preocupar com a onda de críticas que recai sobre seu governo. Gonzáles lembrou que a esquerda de seu país o comparava com a ex-primeira-ministra britânica Margareth Thatcher, um das precursoras do neoliberalismo. Orgulhoso, ele lembrou que "a primeira privatização da história da Espanha foi feita por um governo socialista" e destacou os "feitos" de Lula: "Algumas coisas que FHC tentou e não conseguiu, como a reforma da Previdência, Lula acabou fazendo".

TOME NOTA........................

Os servidores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro completaram 173 dias de greve na sexta, dia 26, enfrentando a intransigência da governadora Rosinha Garotinho. A greve se unifica com a dos estudantes e trabalhadores da Uerf, mas também passa por um momento decisivo. O comando de greve pede o apoio financeiro das entidades para seguir com o movimento, através da conta nº 19395-9, do Banerj, na agência 6134. Contatos pelo e-mail: sintuperj@sintuperj.org.br.

SANTO PROER!

O jornal O Globo anunciou que o governo Lula poderá utilizar o Proer (programa de salvação dos bancos, criado por FHC) para salvar o Banco Santos. O governo, através do Banco Central, já tinha reduzido os depósitos compulsórios de pequenos bancos afetados indiretamente pela liquidação do Banco Santos. Essa medida foi elogiada pelo mercado, pois reforça a liquidez dessas instituições e contribui para não haver uma quebradeira no setor. O jornal afirma que o governo tenta achar um comprador para o Banco Santos, mas nenhum banqueiro parece disposto. Portanto, como FHC, Lula poderá ajudar os banqueiros com dinheiro público.

O CÂNCER DO MACHISMO

A Secretaria Nacional de Segurança Pública divulgou uma pesquisa apontando que 30% das mulheres brasileiras estão mais preocupadas com a violência doméstica do que com doenças graves. O câncer do útero é a segunda maior preocupação, com 17%. Os números mostram que a violência contra a mulher é um risco de vida.

LAVANDERIA CULTURAL

A empresa Wailea Corporation, das Ilhas Virgens, controla parte da coleção de arte do dono do Banco Santos, Edmar Cid Ferreira.

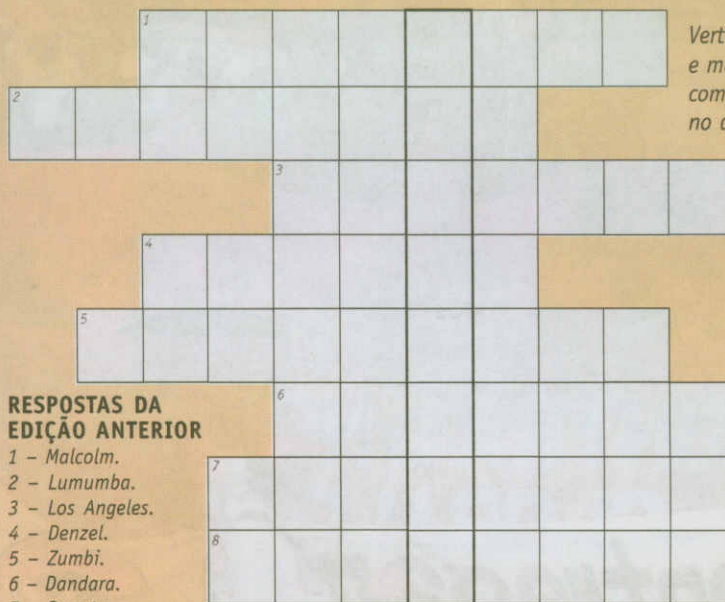
O banqueiro trouxe várias exposições ao Brasil, sempre em grandes transações. Não surpreenderá se notícias relacionarem tais exposições com lavagem de dinheiro.

DIAS CONTADOS

PT e PSDB chegaram a um acordo para sepultar a CPI do Banestado. A entrega do relatório final será no dia 7 de dezembro. A continuidade da CPI poderia trazer ainda mais dor de cabeça. O vazamento de informações já ligou Henrique Meirelles, presidente do BC, a esquemas de lavagem de dinheiro no exterior.

PALAVRAS CRUZADAS

POR JEFERSON CHOMA

1. *Criador da teoria da relatividade.* **2.** *El (...); país onde combateu, nos anos 80, a Frente Furibundo Martí.* **3.** *Dinastia do Czar Nicola II, derrubada pela Revolução Russa de fevereiro de 1917.* **4.** *Cidade rebelde iraquiana.* **5.** *Maior acidente nuclear da história, na URSS, em 1986.* **6.** *Revolta popular brasileira ocorrida em 1833, na província do Grão-Pará. Chegou a organizar um governo popular.* **7.** *Poeta e compositor autor de "Minha Namorada" e dos versos de "Soneto da Separação".* **8.** *Exército (...); criado por Leon Trotsky.*

Vertical: Compositor e maestro cuja morte completará 10 anos no dia 8 de dezembro.

RESPOSTAS DA EDIÇÃO ANTERIOR

1 – Malcolm.
2 – Lumumba.
3 – Los Angeles.
4 – Denzel.
5 – Zumbi.
6 – Dandara.
7 – Soweto.

CARTAS

FANTÁSTICO!

Foi grandiosa a presença do **PSTU** *em Brasília, de longe o partido, dos que lá estavam, que mais militantes levou contra as reformas do (des)governo do (ex)companheiro Lula. Foi o primeiro protesto a que fui e devo dizer que me marcou, principalmente pelo grande sentimento de coletividade instaurado lá (ao menos por algumas horas) e pelo impressionante número de jovens. Acredito que estamos no caminho certo.*

KERMIT JÚNIOR,
de Uberaba (MG)

(...) todos nós sabemos que desde o início a ordem é para o povo e o progresso é para a burguesia, sendo assim o povo fica com os deveres e as elites com os direitos e privilégios. Nesse país tudo foi forjado pelos demônios da burguesia para enganar e manter o povo em posição inferior e subserviente. Aboliram a escravidão mas não aboliram a pobreza, acabaram os quilombos e nasceram as favelas, os senhores de escravos hoje são os grandes empresários, os capitães-do-mato estão fardados e as correntes são feitas de moedas. (...) Vamos matar os vícios para renascer as virtudes, matar a obediência para renascer a rebeldia, matar o conformismo para renascer a solidariedade.

FÁBIO,
de Santo André (SP)

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do
Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01321-010 - Fax: (11) 3105-6316
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates 'Mancha', Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** André Valuche, Cecília Toledo, Diego Cruz, Fausto Barreira Filho, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes **PROJETO GRÁFICO** Gustavo Sixel **REVISÃO** Fausto Barreira Filho **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **CAPA** Foto Wladimir Souza **DISTRIBUIÇÃO EM BANCAS** OESP **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Av. Comendador Leão, 526 Poço (82)327.8125 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Guanabara, 504 - Pacoval (96) 225-4549 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 321-3632 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42, Centro, alagoinhas@pstu.org.br
ILHÉUS - R. Conselheiro Dantas, 20, Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C , Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727 www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - R. Santa Cecília, 480A, bairro Salesiano

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Quadra 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 212-9969 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Rua dos Afogados, 169, sl. 8, Centro (98) 258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
CENTRO - FLORESTA Av. Paraná 191, 2º andar - Centro
BARREIRO - Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5, Pça. Via do Minério
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 – *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, Bairro Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91)9617.2944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Rua Alfredo Buffren, 29/4, Centro

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1º andar, Boa Vista (81) 3222-2549 *recife@pstu.org.br*
CABO DE SANTO AGOSTINHO R. José Apolônio nº 34 A, Cohab

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21) 2293-9689
JACAREPAGUÁ - Praça da Taquara, 34 sala 308
DUQUE DE CAXIAS -R. das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Souza Cardoso, 147 - Vila Amélia *friburgo@pstu.org.br*
NOVA IGUAÇU - Rua Coronel Carlos de Matos, 45 - Centro
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
VALENÇA - valenca@pstu.org.br
VOLTA REDONDA Rua 2, 373/101 - Conforto

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Av. Maranguape, 2339, cj. Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286-3607 *portoalegre@pstu.org.br*
BAGÉ - Rua do Acampamento, 353 - Centro - (53) 242-3900
CAXIAS DO SUL - Rua do Guia Lopes, 383, sl 01 (54) 9999-0002
GRAVATAÍ - R. Dr. Luiz Bastos do Prado, 1610/305 Centro (51) 484-5336
PASSO FUNDO - XV Novembro, 1175 - Centro - (54) 9982-0004
PELOTAS - Rua Santa Cruz, 1441 - Centro (53) 9126-7673 *pelotas@pstu.org.br*
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 9989-0220, *santamaria@pstu.org.br*
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da Fontoura,864, Centro, 591-0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 225-6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 (tv. da R. Parapuã,1.800) V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL
Campo Limpo – R. Dr. Abelardo C. Lobo, 301 - piso superior
Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - R. Cel. José Figueiredo, 125 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br* *www.pstubauru.ig.com.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867, *campinas@pstu.org.br*
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes Girard, 371, sala 6 - Bairro Abernéssia (12) 3664-2998
FRANCO DA ROCHA - R. Washington Luiz, 43, Centro
GUARULHOS
R. Miguel Romano, 17 - Centro (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Dr. Côrreia, nº 191 - Bairro Shangai - Mogi das Cruzes - SP - (11) 4796-8630 *www.pstu.org.br/altotiete*
RIBEIRÃO PRETO
R. Saldanha Marinho, 87, Centro (16) 637-7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186 *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO CAETANO DO SUL - R. Eng. Rebouças, 707 Oswaldo Cruz (11) 4238.7883
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho (15)3211.1767 *sorocaba@pstu.org.br*
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

É HORA DE ROMPER COM O GOVERNO, COM A CUT E COM A UNE

FOTO YARA FERNANDES

As duas manifestações do dia 25 de novembro em Brasília expressaram o sentimento de todo um setor do movimento de massas contra o governo. Mas, ao contrário do ocorrido nas eleições, esse sentimento não foi capitalizado pela oposição de direita, pois a marcha foi organizada por setores de esquerda ligados ao movimento de massas.

As bases aglutinadas nas duas marchas estavam com uma posição de enfrentamento contra o governo Lula. Isso se deu tanto na marcha que ocorreu na Esplanada contra as reformas Sindical, Trabalhista e Universitária, como na outra, dos sem-terra. As bases estiveram à esquerda inclusive de setores de sua direção, como a do MST, e da esquerda da CUT e do PT, que ainda não romperam com o governo Lula.

O governo petista, por seu turno, segue seu curso com clareza absoluta. A reforma agrária está paralisada, com um número menor de assentamentos que no governo FHC. Lula está preparando as reformas Sindical, Trabalhista e Universitária que pavimentam o caminho para a Alca. O fisiologismo no governo se escancara com as negociações com o PMDB e o PP de Maluf, numa troca desavergonhada de cargos e ministérios por apoio político. A CUT e a UNE seguem também integradas ao governo, preparando conjuntamente as reformas neoliberais.

O que salta a vista, no entanto, é que a direção do MST segue apoiando o governo, assim como a esquerda do PT. Uma parte importante do P-SOL continua contra romper com a CUT e com a UNE.

As duas mobilizações do dia 25 em Brasília levam a duas conclusões: a primeira é que era possível unificar em uma só e bem maior marcha contra o governo. A segunda é que a direção do MST deve romper com Lula e com seu governo comprometido com o agronegócio, assim como os setores de esquerda da CUT e da UNE (e o P-SOL) devem romper com essas entidades chapas brancas, e construir uma alternativa de direção com a Conlutas em seu Encontro Nacional que será realizado em janeiro de 2005, no Fórum Social Mundial.

FALA ZÉ MARIA

O SNI do PT

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do PSTU e integra a Coordenação da Conlutas

O Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República pediu que as polícias de todos os estados espionassem as atividades de pelo menos dez entidades e movimentos sociais. Entre elas está a Conlutas

As marchas realizadas na semana passada em Brasília fecham um importante ano de lutas contra as reformas neoliberais promovidas pelo governo Lula. Tudo indica que é bastante provável que as lutas recrudesçam no próximo ano. Diante desse fato o governo do PT toma medidas escandalosas que não deixam nada a dever aos governos de direita do passado. No último dia 27, o jornal O Estado de S. Paulo *publicou um artigo no qual revela que o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência da República pediu que as polícias de todos os estados do país espionassem as atividades de pelo menos dez entidades e movimentos sociais. Entre elas está a Conlutas.*

A medida foi descoberta por acaso, quando a mensagem do GSI foi enviada para vários órgãos policiais, inclusive para toda a rede da Polícia Civil. O deputado estadual Renato Simões (PT-SP) recebeu informações sobre a mensagem e denunciou a "indústria de arapongagem política do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin". O deputado não sabia, no entanto, que a ordem tinha partido do governo de seu próprio partido.

Como se isso tudo não bastasse, o documento encaminhado à polícia de São Paulo cobrava dela a espionagem da preparação das atividades que foram realizadas na semana passada em Brasília, como a Marcha contra as Reformas Sindical, Trabalhista e Universitária, do dia 25, e também da Conferência Nacional de Terra e Água, promovida pelo MST.

Espionar os movimentos sociais é no mínimo uma atitude repulsiva. No passado o PT foi vítima dessas ações, principalmente, durante a ditadura militar. É impossível esquecer os helicópteros militares que, para intimidar os trabalhadores, voavam em rasante sobre a cabeça dos metalúrgicos nas assembléias do ABC paulista. Hoje, o governo do PT é que infiltra agentes nas assembléias, manifestações e encontros dos trabalhadores.

Um artigo publicado pela Folha de S.Paulo, *no dia 28, diz que os serviços de inteligência (Abin, GSI etc.) estão "alertando" o governo federal para futuros "focos de tensão" em 2005. É como a arapongagem define as lutas dos movimentos sociais por moradia, terra e trabalho. Isso é muito preocupante, uma clara violação dos direitos de expressão e de manifestação dos movimentos populares poderá estar em curso. Se a luta tende a recrudescer, como diz o relatório desses órgãos, o que o governo vai fazer? Pedir para a polícia se infiltrar nos movimentos populares e fichar suas lideranças? E, depois, vai reprimi-los?*

O governo do PT mantém a estrutura policial-militar da ditadura. Prova disso é que 93% dos cargos de chefia da Abin são ocupados pelos arapongas do antigo Serviço Nacional de Informações (SNI).

Os movimentos populares e as entidades sindicais não podem se calar. Devem exigir que toda a estrutura repressiva da época da ditadura seja desmantelada imediatamente.

LULA NÃO QUER ABRIR OS ARQUIVOS DA DITADURA

CECÍLIA TOLEDO, da redação

A abertura dos arquivos da repressão na época da ditadura militar vem sendo protelada infinitamente pelo governo Lula. Aparentemente, isso se deve a uma bagunça dentro do governo. *"Nilmário Miranda diz uma coisa, o ministro da Justiça diz outra e o presidente diz uma terceira coisa"*, afirma Roberto Busato, presidente da OAB. Para ele, a renúncia do presidente da Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos, João Pinaud, no último dia 15, é resultado da falta de unidade do governo nas questões relativas aos direitos humanos.

Mas a verdade é bem outra. O que está ocorrendo de fato é uma enorme pressão dos militares para que os arquivos permaneçam fechados. E dentro do governo Lula não há confusão alguma. Ele concorda em gênero, número e grau com os militares.

> **A ABERTURA DOS ARQUIVOS é fundamental, não apenas por uma questão humanitária, mas porque os órgãos de repressão continuam intactos, formados por militares e acobertados por Lula**

COMISSÃO NÃO TEM APOIO DO GOVERNO

A Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos existe desde 1995. Ela foi instituída para ajudar o governo a esclarecer o que foi feito com as vítimas do regime militar. Já se passaram nove anos e até hoje a Comissão não conseguiu fazer com que os militares abrissem os arquivos. Fernando Henrique ajudou os militares, emperrando ao máximo os trabalhos da Comissão e agora é a vez de Lula fazer o mesmo.

Foi por isso que Pinaud saiu. A Comissão não é levada a sério pelo governo. A tal ponto que em outubro de 2003 foi criada uma comissão paralela, formada apenas por membros do governo, para investigar o que ocorreu na Guerrilha do Araguaia, que seria atribuição da Comissão. Essa atitude, criticada pelas famílias dos desaparecidos, enfraqueceu ainda mais a Comissão chefiada por Pinaud. Por outro lado, ele acusa Nilmário Miranda, ministro-chefe da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, de não pressionar os militares para abrir os arquivos.

No lugar de Pinaud, entrou o advogado Augustino Veit, que tratará de esvaziar ao máximo o conteúdo e as funções da Comissão que preside, e de parar de pressionar o governo e os militares, se não quiser ter o mesmo fim de seu antecessor.

LULA CEDE À PRESSÃO

O grande responsável por essa farsa tem nome: Lula. E cargo: é o presidente da República, com poder suficiente para conseguir a abertura dos arquivos. Mas mantém como ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional um general que é radicalmente contra, Jorge Armando Félix. Com todo o cinismo a que tem direito, por ser militar, Félix disse que está mais preocupado com os militantes de esquerda que foram torturados do que com torturadores. *"Tem gente que naquela época estava na clandestinidade, tinha outra mulher e hoje está com a antiga. Se isso aparecer, você pode destruir uma família. Tem os companheiros que entregaram, está escrito"*, disse ele ao jornal *Folha de S.Paulo* no dia 14.

Essa versão é rebatida pelo Grupo *Tortura Nunca Mais*, formado por ex-presos políticos e que há 20 anos luta pela abertura dos arquivos: *"Sabemos muito bem que nos arquivos do terror nada há de bonito. Há os assassinatos, a ocultação de cadáveres, as torturas. Tortura que foi utilizada não como uma prática de alguns 'mais exaltados' e por isso mesmo 'fora do controle do governo', mas como uma prática institucionalizada, empregada em todos os centros de repressão daquela época e, ainda hoje, utilizada de forma sistemática"*.

É justamente isso que vai aparecer se os arquivos forem abertos. Durante a ditadura (1964-85), os militares prenderam inúmeros militantes de esquerda, até mesmo aqueles considerados "suspeitos". A abertura dos arquivos não visa apenas saber o que aconteceu com a maioria destes. Isso é fundamental, e não apenas por uma questão humanitária, mas, sobretudo, porque os organismos de repressão mudaram de nome, mas continuam intactos, formados pelos militares e acobertados por Lula. A abertura dos arquivos pode identificar onde estão esses organismos e quem são os responsáveis por eles. Não é por acaso que o golpe de 1964 ainda é reivindicado na alta oficialidade das Forças Armadas.

O governo não quer abrir os arquivos, porque quer preservar as Forças Armadas em sua principal função para o Estado burguês, que não é a de "defender o país" em caso de guerra, mas de defender a propriedade burguesa em caso de revolução. Ou, mais freqüentemente, poder preservar "a ordem estabelecida" em caso de grandes mobilizações.

O governo Lula não só não abre os arquivos como ainda por cima quer reduzir as indenizações às famílias das vítimas. Considera que as indenizações impostas pela lei de FHC, que institui o pagamento às famílias das vítimas, são uma *"pesada herança"*. *"Quando recebemos essa pesada herança, começamos uma negociação com as entidades a fim de reduzir o montante"*, disse Thomaz Bastos à *Folha*. A morte e a humilhação dos militantes hoje não passam de um incômodo para o governo Lula, além de gastos no Orçamento e atritos com os militares. Tudo o que ele gostaria de ver pelas costas.

EXTRA FOLHA DE S.PAULO
TODO PODER NAS MÃOS DOS MINS. MILITARES
PARLAMENTARES FOGEM DE BRASILIA

PROCURADOS
ANISTIA
CBA

1964 – O ano que não terminou

O jornalista Zuenir Ventura escreveu um livro chamado 1968: o ano que não terminou. *Não terminou porque muitos dos problemas levantados na época não foram solucionados. Nesse sentido, 1964 também é um ano que permanece em aberto. E Lula colabora para isso, dando continuidade à política do silêncio imposta por FHC para não romper o pacto de governabilidade com os militares.*

Mas as cenas de horror insistem em escapar pelas brechas. No mês passado os jornais estamparam fotos de um homem nu (esperando para ser torturado?) que supostamente seriam do jornalista Vladimir Herzog, morto em 1975 pelos militares. Agora o próprio Exército lança em livro sua História Oral. *São 12 volumes para "comemorar" os 40 anos do golpe.*

É um desfilar de horrores. Mesmo quem já sabia das torturas, fica de cabelo em pé. Numa das partes do livro, reproduzida pela revista CartaCapital *(17/11/04), o coronel Dynalmo Domingues de Souza relata com detalhes a violência sofrida em um quartel do Recife por Gregório Bezerra, um dos dirigentes do Partido Comunista, preso em 1964. Bezerra foi obrigado a tirar os sapatos e a pisar em uma solução ácida, que lhe queimou a sola dos pés. Depois, foi despido, ficando com apenas um calção, com uma corda no pescoço, comprida e em cada extremidade havia um militar, um sargento ou um cabo. Dessa forma, Bezerra foi arrastado pelas ruas do Recife, recebendo pancadas nos testículos, na virilha e ameaças de que enfiariam o bastão de comando em seu ânus. As torturas só cessaram quando "*Gregório já não agüentava mais, estava caído no chão, todo ensangüentado, no meio da rua*".*

É POSSÍVEL CONQUISTAR A REFORMA AGRÁRIA SEM ROMPER COM O CAPITALISMO?

NAZARENO GODEIRO, da Revista Marxismo Vivo

Há uma unanimidade na esquerda anticapitalista de que Bush quer recolonizar a América Latina e o mundo. Também há um acordo em que é necessário enfrentar, com a mobilização das massas, essa ofensiva imperial.

No campo, o projeto imperialista batizado de "revolução verde" aposta no agronegócio e põe toda a agricultura dos países pobres nas mãos de grandes empresas como *Monsanto, Cargill, Bunge, ADM* que controlam o comércio mundial de alimentos.

Também se repudia a relação colonial que perdura há mais de 500 anos no nosso continente, onde os países pobres são fornecedores de matérias-primas para o mercado mundial e compradores de produtos industrializados das metrópoles imperialistas.

Tudo isso é unânime na esquerda. A divergência começa quando se tem de responder ao que fazer para enfrentar essa situação: é possível conquistar a reforma agrária e a independência nacional sem romper com o capitalismo?

O QUE DIZ A DIREÇÃO DO MST

João Pedro Stédile, principal dirigente do MST, em entrevistas, afirma que o Brasil tem uma *"crise de destino, de projeto"*, defende a democratização da propriedade da terra, através da reforma agrária. No livro *A Opção Brasileira*, defende uma *"reforma estrutural na economia brasileira"* e uma agricultura moderna,

EXISTE UM PACTO entre empresários, latifundiários, corporações transnacionais e o governo de Lula em defesa do modelo agro-exportador

Foto U. Dettmar / Agência Brasil

João Pedro Stédile, do MST

baseada na pequena produção, mas não se refere em nenhum momento a uma ruptura com o capitalismo.

Por outro lado, Stédile opina que Lula é um *"amigo"* e que o governo tem *"ministros de direita, de centro e de esquerda"* e que, por isso, não se deve atacar o governo, mas somente a alguns ministros e a política econômica do governo.

Porém, o governo Lula não é neutro: está do lado dos empresários e é o cimento que une a burguesia nacional com o capital estrangeiro. Sua aliança com a burguesia nacional levou-o a uma subordinação ao imperialismo.

Isso se comprova na capitulação do governo aos transgênicos. É a rendição aos interesses de uma transnacional, a *Monsanto*, contra toda a população brasileira. Por trás da *Monsanto* está o poder imperial dos EUA.

COM LULA, REFORMA AGRÁRIA CAI POR TERRA

Existe um pacto entre empresários, banqueiros, latifundiários, corporações transnacionais e o governo de Lula em defesa do modelo agro-exportador. A cada ano, o agronegócio se expande destruindo a agricultura familiar e milhões de postos de trabalho. Em vinte anos a soja acabou com o cerrado do centro-oeste e agora avança sobre a floresta amazônica.

Hoje, Lula está aplicando o plano do Banco Mundial, através do *"mercado de terras"*, que consiste em facilitar aos latifundiários a venda das suas terras, reduzindo os prazos para resgate dos Títulos da Dívida Agrária, baixando de vinte para dois anos o pagamento dos títulos. Pelo alto preço da terra agora até essa falsa reforma agrária está questionada.

A direção do MST acredita que os ministros Miguel Rossêto e Marina Silva são *"o braço do governo contra o agronegócio"*, coisa que o próprio Rosseto desmente: *"Não há, da nossa parte, nenhuma polarização com o agronegócio ou com qualquer setor produtivo"*.

Qual a natureza de classe deste governo? É um governo burguês que serve aos empresários e ao imperialismo, como diz o **PSTU**, ou um governo em disputa, como fala a direção do MST? Dois anos de governo Lula demonstraram que tal governo não está *"em disputa"*. Isso ficou patente na recusa de Lula em participar da Conferência Nacional de Terra e Água realizada estes dias, que contou com milhares de trabalhadores sem-terra *(ver páginas centrais)*.

Foto Wladimir Souza

HOJE, LULA ESTÁ promovendo uma reforma agrária de mercado, imposta pelo Banco Mundial, através do "mercado de terras"

O apoio crítico que a direção do MST dá ao governo é um erro fatal que desarticula, divide e desmoraliza a luta dos camponeses pobres pela terra e fortalece a saída *"natural"* que é o desenvolvimento do agronegócio.

Reforma agrária e revolução socialista

A REFORMA não será obra da boa vontade de uma suposta *"burguesia nacional progressista"*

A reforma agrária só virá junto com uma revolução socialista que rompa com o sistema imperialista. Essa bandeira não pode ser dissociada da luta da classe trabalhadora por sua emancipação.

Enganam-se os que crêem que podem consegui-la com o Estado comprando terras dos latifundiários e distribuindo-as pacificamente entre os camponeses. Esse sempre foi o esquema defendido pelos que acham que essa mudança pode ser feita nos marcos do capitalismo. E nunca foi aplicado no país, porque a grande burguesia não quer a reforma agrária.

A verdadeira reforma agrária deve aceitar a repartição dos latifúndios aos sem-terra, mas incentivar a formação de comunidades onde a terra não seja uma mercadoria e sim um bem social, de toda a população. Deve promover a propriedade social e a exploração coletiva. Desta forma, a terra se tornará indivisível e intransferível, isto é, não poderá ser vendida.

Também deve incorporar o acesso à terra, às condições para cultivar e para comercializar. Isso só é possível se for imposta a nacionalização dos bancos, das redes de supermercados e das grandes empresas agro-exportadoras.

Equivocam-se Stédile e a *Consulta Popular* quando crêem que algum setor patronal pode cumprir um papel progressista criando um *"Estado nacional democrático e soberano"* e que encabece uma *"revolução democrática"*. Nenhum setor empresarial está disposto a romper com o imperialismo e construir um modelo nacional autônomo.

Se essa visão predominar na esquerda levará à derrota da revolução brasileira, que vai confiar em setores *"progressistas"* da burguesia como já ocorreu no Brasil na década de 1960 com o governo de João Goulart.

A burguesia *"brasileira"* está associada umbilicalmente às grandes corporações transnacionais. Isso é o que explica sua capitulação geral ao modelo neoliberal e ao FMI. Hoje, já não lhes interessa a independência nacional e muito menos a reforma agrária, por ter também grandes extensões de terras.

O novo século que se inicia, abre a época das revoluções da segunda independência da América Latina. Nos grandes embates da luta de classes do continente, estão nascendo novos Bolívar, Rodríguez de Francia, José Martí, Artigas, O'Higgins. Diferentemente dos séculos passados, esta segunda independência vai ser garantida pelas mãos calosas e rostos anônimos de milhões de operários e camponeses pobres e não por uma imaginária classe burguesa nacional *"progressista"*.

A revolução brasileira que se avizinha vai unificar a revolução social e a libertação nacional em um mesmo caudal, em uma só revolução socialista.

A MARCHA PONTO A PONTO

As caravanas que partiram de todos os pontos do país começaram a chegar em Brasília ainda durante a madrugada. Por volta das 11h, os manifestantes deixaram a Catedral (concentração da marcha) começando a caminhada.

FOTO ANDES

A marcha saiu ao som da palavra-de-ordem "Um, dois, três, quatro, cinco mil, ou pára esta Reforma, ou paramos o Brasil!".

A primeira parada foi em frente ao Ministério da Reforma Agrária. Ali, os participantes protestaram contra o completo descaso do governo Lula em relação ao problema da terra no Brasil, e pelo aumento da violência contra aqueles que lutam pelo direito à terra. O último episódio, o massacre de Felisburgo (MG), onde foram mortos cinco sem-terra e vinte outros ficaram feridos, é apenas o exemplo mais recente e dramático.

Vários oradores chamaram o MST à unidade na luta pela reforma agrária e criticaram sua direção por não se unificar com a marcha. Bandeiras dos trabalhadores rurais do MTL se juntavam com as do Conlutas e as do **PSTU**.

FOTO WLADIMIR SOUZA

UMA VAIA PARA BERZOINI...

Na segunda parada, no Ministério do Trabalho, houve uma forte denúncia das reformas Sindical e Trabalhista por todos os oradores. Indignados com a possibilidade de ver seus direitos históricos durante conquistados — como a licença-maternidade, o 13º salário e as férias — serem ameaçados de confisco pela reforma Trabalhista que Lula quer implementar, a mando do FMI, os milhares de participantes não pouparam a voz para denunciar o ex-sindicalista que ocupa o Ministério do Trabalho. Entre cada fala dos organizadores da marcha, Berzoini recebia uma atenção especial entoada em uníssono pelos milhares de participantes: "Berzoini, seu pelegão, esta reforma é coisa de patrão!".

...OUTRA PARA LULA E OS PICARETAS DO CONGRESSO

No Congresso Nacional, onde ocorreu o principal ato, os manifestantes deixaram claro que não estão dispostos a permitir que a corja que se encontra no Parlamento confisque seus direitos, privatize a Educação e continue implementando os planos do FMI (inclusive através da Alca). Mas além do acordo na denúncia do governo, ali se revelaram as diferenças presentes entre os distintos setores do ato.

Mancha, em nome da Conlutas, atacou o governo e a direção da CUT, convidando todos ao Encontro Nacional da Coordenação que será realizado no Fórum Social Mundial.

FOTO AGÊNCIA BRASIL

Heloísa Helena fez uma denúncia do governo. Zé Maria, pelo **PSTU,** *propôs que a unidade conseguida na marcha tivesse continuidade, e chamou todos os setores a romper com a CUT para construir uma alternativa de direção para os trabalhadores.*

A grande imprensa centrou sua cobertura da marcha em um episódio menor. Sob um sol escaldante, já com quase duas horas de manifestação, um setor dos estudantes desceu até o lago em frente à Câmara dos Deputados, juntando o banho com o repúdio aos parlamentares. Surgiu então um enfrentamento com a polícia, no qual foram presos dois manifestantes.

FOTO BRUNO SPALDA AGÊNCIA BRASIL

"ROMPER COM A UNE! É PRA AÇÃO! ESTÁ SURGINDO UMA NOVA DIREÇÃO!"

No Ministério da Educação, houve muitos ataques à reforma Universitária, feitos pelas entidades estudantis. Além disso, Tiago Hastenreiter, do DCE da UFRJ e da Conlute, apresentou o resultado vitorioso do plebiscito contra a reforma, enquanto uma comissão se dirigia ao MEC para protocolar a entrega de seus resultados.

William Nascimento, do Sinasefe, falou: "Nos desfiliamos da CUT, e vamos construir a luta com todos aqueles que queiram construir e impulsionar um levante contra esse projeto neoliberal que prossegue no governo Lula".

Julia Eberhardt, da juventude do PSTU, chamou todas as correntes à ruptura com a UNE governista e à construção de uma nova entidade de luta. Em diversos momentos, os estudantes gritavam "Reforma vem, a UNE some, e não fala em nosso nome!". Após as falas, grupos culturais se revezaram, com animadas e criativas críticas ao governo. Entre eles, destacaram-se o xote dos estudantes da Universidade Federal da Paraíba e uma orquestra e uma representação teatral, pelos alunos da Universidade de Brasília.

NA PÁGINA 12

O ato do dia 25 na embaixada argentina, pela liberdade dos presos de Caleta Olivia

NO SITE DO PSTU

Visite o site e veja a cobertura completa da marcha, com vídeos e galeria de fotos

MANIFESTAÇÕES PARAM BRASÍLIA, MAIS UMA VEZ, CONTRA O GOVERNO LULA

EDUARDO ALMEIDA,
da redação

Brasília foi sacudida, no dia 25 de novembro, por dois atos contra o governo Lula.

Um deles foi a marcha contra as reformas Sindical e Trabalhista, convocada pelo Andes-SN, pela Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas) e diversas outras entidades que, com cerca de quinze mil pessoas, paralisou a Esplanada dos Ministérios.

A segunda marcha foi a do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com nove mil pessoas, finalizando a Conferência de Terra e Água. Terminou em frente ao Banco Central (BC). Ela não estava programada pela direção do MST para ser contra o governo, mas somente contra o ministro Palocci e a política econômica. Por este motivo, a direção do MST recusou a se unificar com a outra marcha. No entanto, a realidade acabou se impondo, e esta marcha teve um conteúdo de uma ação contra o governo.

O dia 25 ficou marcado como a terceira grande manifestação contra o governo. Em 2003, tivemos uma mobilização de cinqüenta mil pessoas na greve do funcionalismo federal contra a reforma da Previdência. Em 16 de junho deste ano, a Conlutas colocou 20 mil manifestantes em Brasília, também contra as reformas Sindical, Trabalhista e Universitária.

O ano está terminando com o signo das mobilizações de rua, apontando a perspectiva de um 2005 de lutas.

OS SETORES NA MARCHA

A marcha contra as reformas foi uma vitória, e unificou distintos setores, com pesos distintos no evento.

A maior coluna era formada pela Conlutas e pela Conlute (Coordenação de Luta dos Estudantes), que todos reconheciam, representava metade da marcha. Com muitos militantes, o **PSTU** foi um destaque em toda a marcha, pelo tamanho, pelas palavras-de-ordem contra o governo, a CUT e a UNE e pelo colorido dos bonecos gigantes de Olinda, das faixas e dos cartazes. A coluna era composta por setores sindicais de todo o país e pela juventude, maioria nesta coluna, com companheiros da UnB, da Unicamp, da UFRJ e de outras universidades.

A esquerda da CUT e do PT era a segunda força da marcha, mas tinha muito menos animação. Não levavam bandeiras do PT e nem da CUT, e assim desapareciam visual e politicamente na marcha.

O P-SOL estava representado pela primeira vez em marchas deste tipo, com faixas e bandeiras, agrupando também uma coluna do Movimento Terra e Liberdade (MTL).

FOTO WLADIMIR SOUZA

AS POLÊMICAS DO DIA 25

A MANIFESTAÇÃO, unitária, foi uma vitória dos que a compuseram, mas nela também se manifestaram importantes diferenças políticas

Houve toda uma polêmica desde a preparação da marcha, na medida em que a esquerda da CUT e do PT se recusava a assumir um claro enfrentamento com o governo e com a CUT e a UNE. Esses setores mantêm a posição de criticar o governo, mas sem romper com ele, centrando seu ataque na política econômica. Além disso, são contrários a romper com a CUT ou com a UNE, prosseguindo nessas entidades. No final das contas, não assinaram a convocatória unitária da marcha, mas estiveram presentes.

O P-SOL tentou, de todas as maneiras, ceder espaço à esquerda da CUT e da UNE, na preparação do protesto. Apesar de não apoiar o governo, o P-SOL está completamente dividido em relação à CUT, com um setor a favor da ruptura e outro contrário.

Na marcha, essas diferenças se manifestaram no episódio da vaia por um pequeno número de manifestantes ao deputado federal Chico Alencar (PT-RJ). Nem a direção do **PSTU** nem a da Conlutas estimularam essas vaias, mas entendemos a revolta dos companheiros. Afinal, Alencar foi um dos deputados petistas que votaram a favor da reforma da Previdência, tendo sua foto estampada em cartazes do funcionalismo federal denunciando-o como traidor.

Jorginho, da esquerda da CUT, se equivocou ao atacar o conjunto da marcha como "sectário", para defender Alencar. Chegou a tentar responsabilizar a Conlutas e o **PSTU**, dizendo que era por isso que o MST não estava presente. Passava por cima dos fatos, ou seja, do apoio da direção do MST a Lula, base real da divisão (reconhecida até pela direção do MST).

Mas a resposta à política da esquerda do PT e da CUT foi a própria manifestação, que acabou sendo, incontestavelmente, uma marcha contra o governo como um todo e não só contra uma parte dele. Não eram os participantes da marcha os sectários, mas os que ainda carregam as bandeiras do PT e da CUT que estão contra a corrente.

MARCHA MARCA A VITÓRIA DO PLEBISCITO COM A ENTREGA DO RESULTADO

O plebiscito sobre a reforma Universitária foi proposto pelo Conlute na plenária que

FOTO WLADIMIR SOUZA

convocou a marcha. A esquerda petista e o P-SOL foram contra, usando todo tipo de argumento. Diziam que seria impossível fazê-lo e convocar a marcha ao mesmo tempo. No fundo eram contra o plebiscito porque significava uma ação na base, independentemente da UNE, que no final das contas, defendem.

Mas o plebiscito foi uma vitória, apesar do boicote da esquerda desses setores. A Conlute conseguiu mais de 50 mil participantes em 17 estados, transformando o plebiscito numa ferramenta importante contra a reforma. Dos participantes, 94% votaram contra a reforma e contra a atuação da UNE. Além disso, a Conlute tinha, incontestavelmente, a maior coluna da juventude, derrubando a tese de que o plebiscito prejudicaria a convocação da marcha.

Na preparação da marcha, tanto a esquerda do PT como o P-SOL estiveram contra a entrega do resultado do plebiscito, durante a marcha, em frente ao MEC. No entanto, a entrega foi feita pelos representantes da Conlute e da juventude do **PSTU**, e com grande êxito.

FELIZ 2006 DE NOVO?

A deputada Luciana Genro, do P-SOL, em sua fala no ato, apontou como saída as eleições de 2006, afirmando: *"Em 2006, nós não vamos deixar que a polarização fique entre os irmãos siameses (o PT e o PSDB). Vamos estar lá, em 2006, e vamos apresentar uma alternativa dos trabalhadores"*. Não somos contra apresentar alternativas dos trabalhadores nos processos eleitorais, no entanto, mais uma vez somos obrigados a chamar a atenção para o fato dos companheiros do P-SOL procurarem conduzir a luta dos trabalhadores para um campo que não é o deles: as cartas marcadas das eleições. Além de distante no tempo, 2006 não é uma alternativa de direção para os trabalhadores. A única solução possível é aquela que está se construindo em atos como o de Brasília.

A DIVISÃO DAS MARCHAS, PELO MST

A luta dos sem-terra pela reforma agrária tem um grande apoio no conjunto da vanguarda, mas a existência de duas marchas separadas, no mesmo dia, em Brasília, chocou a todos. A unidade das marchas poderia potencializar o dia 25, que representaria muito mais do que a simples soma das duas.

A divisão tem uma explicação política: a direção do MST tem a estratégia de pressionar o governo pela reforma agrária, mas mantendo seu apoio a Lula. João Pedro Stédile, líder do MST, considera Lula e Rosseto como aliados para a reforma agrária. A direção do MST acha que o problema do governo é o ministro Palocci e sua política econômica. O Ministério da Educação divulgou um documento no qual, infelizmente, o MST aparece como parte de um grupo de trabalho e discute com o governo, junto com a UNE e a CUT, a reforma Universitária. Por esses motivos, a direção do MST não poderia se somar a uma marcha contra a reforma Universitária e, menos ainda, contra o conjunto do governo.

Preparou, então, uma marcha à parte, que terminaria em frente ao BC, pedindo a mudança da política econômica e a demissão do ministro Antonio Palocci.

E TOME VAIAS

Na Conferência de Terra e Água, realizada entre os dias 22 e 25, em Brasília, a direção do MST convidou ministros do governo, assim como o *aliado* Lula.

Mas a radicalização da base do MST falou mais alto do que os planos de sua direção. Refletindo a polarização que existe no campo, com a chacina de Felisburgo, todos os ministros do governo presentes na conferência foram vaiados.

Segundo a imprensa, a própria direção do MST desaconselhou a ida de Lula, para evitar uma vaia, o que acabou radicalizando ainda mais o plenário.

Dom Tomás Balduino, da Pastoral da Terra, perguntou aos presentes na conferência se Lula não estaria no local *"se aqui estivessem doze mil empresários"*, e foi muito aplaudido.

A resultante foi que a marcha final teve um claro sinal de protesto contra o governo, ao contrário dos planos da direção do MST. Além disso, um setor dos sem-terra, o MTL, promoveu uma invasão da sede do Incra, que terminou com enfrentamentos com a repressão policial.

Tudo o que a direção do MST queria evitar, ao apostar na divisão das marchas do dia 25.

"OPOSIÇÃO NACIONAL BANCÁRIA APROVOU A ADESÃO À CONLUTAS"

Durante os dias 27 e 28 de novembro ocorreu o Encontro do Movimento Nacional de Oposição Bancária em Belo Horizonte (MG). Cerca de 90 bancários de várias partes do país discutiram o balanço da grande greve realizada este ano e a necessidade de uma nova direção para a categoria. O Opinião Socialista conversou com Dirceu Travesso, um dos dirigentes da Oposição Bancária, que falou sobre o encontro e as próximas tarefas do Movimento Nacional de Oposição Bancária

FOTO SÉRGIO KOEI

POR DIEGO CRUZ, da redação

Opinião Socialista – O que foi discutido durante o Encontro?

Dirceu Travesso – Primeiro, teve uma discussão de conjuntura e o entendimento claro da necessidade de ser oposição ao projeto geral da burguesia e do imperialismo e, dentro disso, oposição ao governo Lula como principal implementador dessa política. Concluímos o acerto de nossa política, tirada em nosso primeiro encontro, durante o Fórum Social Brasileiro, em Belo Horizonte. Lá, fizemos a caracterização clara de que a direção do sindicato (*Articulação* e os seus satélites) para defender o governo, ia se colocar contra a base dos bancários e suas reivindicações. Isso permitiu o salto de qualidade que a *Oposição Bancária* deu durante a greve. A *Oposição* cumpriu um papel importantíssimo ao buscar dar forma organizada ao sentimento de insatisfação e de luta da base. Agora, o centro para nós é estimular esse processo de organização pela base e, dentro disso, a disputa dos sindicatos.

OS – Qual a posição do Encontro sobre a relação da *Oposição Bancária* com a Conlutas?

Dirceu – A conclusão da *Oposição* é que é fundamental impulsionar a mobilização de base para varrer as direções governistas e garantir a defesa das reivindicações dos bancários. Foi muito interessante esse debate, pois essa conclusão final resolveu muitas dúvidas sobre o nosso posicionamento em relação à Conlutas. Primeiro, na *Oposição*, é praticamente unânime o reconhecimento da necessidade de romper com a CUT, e, segundo, houve o entendimento de que a Conlutas é a expressão de classe do que é a *Oposição*. Ou seja, o reconhecimento da necessidade de organizar a vanguarda que quer lutar pelas reivindicações dos trabalhadores, mesmo que para isso tenha que se enfrentar com o governo e com as direções pelegas. No Encontro deliberamos por unanimidade a adesão da *Oposição Bancária* ao processo de construção da Conlutas, tendo clara a falência da CUT e a necessidade de impulsionar uma nova direção. Ao mesmo tempo em que, coerente com uma concepção democrática, os grupos ou ativistas que têm posições diferentes sobre a ruptura com a CUT, ou sobre a Conlutas, mas que têm clara a necessidade de organizarmos uma *Oposição Nacional* contra as direções governistas, terão suas posições respeitadas dentro do *Movimento Nacional de Oposição Bancária*.

OS – Qual vem sendo a política das direções sindicais dos bancários?

Dirceu – Para se ter uma idéia, a Confederação Nacional dos Bancários está fazendo essa semana aqui em São Paulo uma Plenária Nacional para discutir a reforma Sindical e fazer um balanço da campanha salarial. Um detalhe: como foram tirados os delegados para essa Plenária? Não houve nenhuma assembléia, não teve nada. Tirou-se um número de delegados por cada federação e cada federação resolveu como faz. Esse é o mesmo método utilizado durante a greve. A CNB é uma confederação que expressa o que quer a direção governista e não a vontade da categoria. Vai se discutir uma greve que a base fez passando por cima das direções, e a categoria não é chamada. Enquanto a *Oposição* realiza um encontro aberto, eles realizam uma plenária onde a própria categoria não pode participar.

> **"A Conlutas é expressão de classe e nacional do que é a Oposição Bancária • A CNB é uma confederação que expressa o que quer a direção governista e não a vontade da categoria bancária"**

OS – Quais atividades foram votadas para o próximo período?

Dirceu – Vamos discutir com a categoria a possibilidade de realizar uma campanha salarial de emergência, em março, além de medidas contra as demissões nos bancos privados. Decidimos também participar do Fórum Social Mundial, realizando uma mesa para discutir a greve e a experiência da categoria, além do Encontro da Conlutas. Também vamos impulsionar as oposições nas várias eleições sindicais que ocorrerão no próximo ano. Nosso papel agora é impulsionar a democracia de base.

CONLUTAS

ALAGOAS/SERGIPE

Petroleiros rompem com a CUT

CLARKSON ARAÚJO, de Maceió (AL)

De 26 a 28 de novembro realizou-se o 13º Congresso do Sindipetro de Alagoas e Sergipe, que representa mais de 10 mil trabalhadores. O evento reuniu 150 delegados e mais de 40 observadores.

A discussão sobre a CUT vem desde junho. Em agosto, o sindicato promoveu um debate sobre as perspectivas dos trabalhadores e o governo Lula, e o destino das ferramentas da classe (partidos, centrais e, em especial, a CUT).

Neste Congresso, o sindicato promoveu debates sobre a desfiliação, com representantes de diferentes posições, como o diretor da CUT, Agnaldo Fernandes, do P-SOL; Antônio Góis, presidente da CUT-SE e membro da corrente *Articulação de Esquerda* e José Maria de Almeida, da Conlutas. Na votação, a ampla maioria aprovou a desfiliação da CUT e o fortalecimento da Conlutas.

Também foi aprovada a participação no II Encontro Nacional da Conlutas, no Fórum Social Mundial.

RIO DE JANEIRO

Profissionais de Educação vão debater desfiliação da CUT

RESOLUÇÃO propõe que Congresso decida se o sindicato permanece ou não filiado à CUT

ANDRÉ FREIRE, do Rio de Janeiro

Entre os dias 18 e 20 de novembro foi realizada no Rio de Janeiro a Conferência do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe/RJ). Esta Conferência foi realizada no lugar do Congresso ordinário do Sindicato, adiado para 2005 através de um golpe do bloco governista na diretoria. Cerca de 230 delegados participaram da Conferência, que deliberou um posicionamento bem à esquerda, expressando o sentimento da base da categoria.

A Conferência aprovou uma resolução excluindo qualquer possibilidade dos trabalhadores disputarem esse governo, colocando sim a necessidade de derrotar sua política neoliberal. Infelizmente, não houve acordo entre as correntes de esquerda sobre a definição do Sepe enquanto *"oposição de esquerda ao governo"*, proposta somente pela tese *Alternativa de Classe*.

Porém, a grande vitória da Conferência foi a aprovação de uma resolução que determina, na base, a abertura da discussão sobre o rompimento com a CUT. O texto afirma que a CUT não é mais um instrumento de mobilização da classe trabalhadora, sendo, ao contrário, um obstáculo. A resolução propõe que o próximo Congresso decida se o sindicato permanece ou não filiado à CUT.

EM ESTADO DE ALERTA

OS ATOS FÚNEBRES e o enterro de Yasser Arafat simbolizaram como poucas vezes o drama palestino, mostrando com toda crueza as forças em disputa

ÁNGEL LUIS PARRAS, do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Espanha)

Manifestação durante enterro de Arafat, em Ramalah

No Cairo, Arafat recebeu as despedida dos chefes do mundo, das burguesias árabes – incluindo a infame burguesia saudita – dos representantes dos governos europeus e dos EUA. Não faltaram as rezas nem as honras militares. Só faltaram as massas, que foram proibidas, pelo governo egípcio, de participar do evento.

Com a população ausente, os líderes árabes e europeus transformaram a cerimônia numa conferência informal para estabelecer posições diante da nova situação aberta no Oriente Médio. *"O funeral serviu para comprovar que todos estamos dispostos a apoiar a nova liderança palestina, impulsionar uma nova dinâmica e sair do estancamento e da falta de iniciativas"*, assegurou o ministro das Relações Exteriores espanhol, Miguel Ángel Moratinos.

BUSH planeja doar US$ 20 milhões à Autoridade Nacional Palestina

As louvações à nova direção e a confiança na realização de eleições em 60 dias foram o denominador comum do encontro.

O POVO ENTRA EM CENA

Horas depois, o corpo de Yasser Arafat chegou à velha prisão do império colonial britânico, convertida num símbolo da resistência palestina, a Mukata. Agora sim, as massas estavam em peso no ato. O rigor e a ordem marcial do Cairo se tornaram o *"caos"*. Os palestinos queriam despedir do homem que se transformou na própria raiz de suas lutas e nada nem ninguém podia impedi-los. A Autoridade Nacional Palestina (ANP) desapareceu da cena, varrida pelo povo de Ramalah.

QUEM QUER MANTER A ORDEM?

A morte de Arafat deixou, sem dúvida alguma, um enorme vazio na direção palestina. Arafat foi o "Bonaparte" que exerceu o controle quase absoluto do poder durante décadas. Arafat, apoiado pelo sabre de sua guarda pretoriana, avalizado pela burguesia palestina, por boa parte da árabe e pelo imperialismo europeu, exerceu durante décadas o papel de árbitro, não só entre os distintos setores sociais, facções e grupos políticos do povo palestino, mas também entre o imperialismo europeu e as massas palestinas. Sua morte abre, inevitavelmente, uma crise e a luta pela sucessão.

Os governos dos países da Europa e dos EUA, juntamente com a grande imprensa, lançaram uma mensagem *"esperançosa"*, dizendo que a morte de Arafat abre uma *"oportunidade histórica"*.

Hoje, a situação na Palestina exige que façamos um alerta para todos que vêm esta luta como sua própria luta e como um combate legítimo: a *"esperança"* de que estão falando é a conclusão, pela nova ANP, de seu processo de capitulação e de entrega do povo palestino aos planos do imperialismo. A esperança de que falam é a de ver ANP concluindo uma tarefa na qual Arafat fracassou: desmantelar a resistência palestina.

OS PREFERIDOS POR ISRAEL E PELOS EUA

Os dois máximos candidatos à sucessão – Abu Mazen e Mohamed Dahlan – são os dirigentes preferidos pelos EUA e por Israel. *"Abu Mazen recebia beijos de soldados israelenses quando cruzava a ponte de Allenby, na fronteira entre Israel e a Jordânia, a caminho de Aman para viajar até Paris"* (El País).

Em um anúncio recém-publicado, o governo Bush planeja dar uma ajuda financeira de cerca de US$ 20 milhões à ANP para apoiar o processo de renovação depois da morte de Arafat e contribuir com a retomada das negociações de paz no Oriente Médio. *"O dinheiro que EUA enviam para a Palestina será controlado pelo ministro das Finanças do território, Salam Fayad, um ex-funcionário do FMI que goza da confiança de Washington"*, publicou o *El País*.

Para Bush trata-se de apoiar *"uma liderança palestina moderada que combata o terrorismo e que ponha em marcha instituições verdadeiramente democráticas"*. Quer dizer, *"ajudar a preparar as eleições e combater o terrorismo"*. No entanto, milhões de trabalhadores e jovens do mundo sabem muito bem o que isto significa.

O MARAVILHOSO "CAOS" DE MUKATA

A ANP, com o apoio do imperialismo europeu e norte-americano, não vai poupar esforços, inclusive repressivos, para desmantelar a resistência e pôr um fim à segunda Intifada. Estão empenhados na tarefa de fazer com que as direções dos grupos palestinos – começando pelos distintos setores do Al Fatah – se comprometam a colocar em *"ordem"* os territórios ocupados.

Os próprios militantes palestinos percebem o conteúdo desse projeto, por isso, dezenas de militantes armados do Al Fatah (grupo de Yasser Arafat dentro da OLP) invadiram uma grande tenda de lona, levantada nas ruínas do palácio presidencial de Gaza, para celebrar uma cerimônia em memória de Arafat, presidida por Abbas e Dahlan, gritando *"Nem Mahmud Abbas nem Dahlan; Yasser Arafat"*.

A esperança para o povo palestino não virá das mãos daqueles que preparam com o imperialismo a liquidação da Intifada, o desarmamento da resistência e a continuidade dos Acordos de Oslo.

Somos obrigados a fazer um novo alerta e redobrar nosso compromisso de luta ao lado do povo palestino. Diante da *"ordem do Cairo"*, a ordem que propõem Abbas, Dahlan, Chirac, Solana e Bush, contrapomos a verdadeira esperança que está no maravilhoso *"caos"* da Mukata. Hoje, a luta do povo palestino exige manter em pé suas bandeiras pela liberdade dos presos; pelo fim do novo muro da vergonha; pelo retorno incondicional dos refugiados.

A esperança reside em sustentar a bandeira que deu origem à OLP: a luta por uma Palestina laica, democrática e não-racista, que ponha fim ao genocida Estado sionista de Israel.

PELO MUNDO

POR YARA FERNANDES

HAITI

ONU quer mais soldados brasileiros

A ONU pediu ao governo brasileiro o envio de mais 440 militares para a intervenção militar que ocorre desde o início do ano no Haiti. O Brasil se prestou ao papel de dirigir a ocupação imperialista, enviando 1.200 soldados. Agora, querem aumentar esse contingente, mostrando que de pacífica essa ação não tem nada. O pedido da ONU está no Estado-Maior da Defesa, ligado ao ministro da Defesa e vice-presidente da República, José Alencar. O pedido também deve passar pelo Congresso Nacional.

PARAGUAI

Camponeses lutam por terra

Um grande protesto nacional se iniciou em 16 de novembro. A Frente Nacional de Lucha por la Soberanía y la Vida *(FSV), que aglutina organizações operárias, camponesas, estudantis e populares, decidiu em Assembléia convocar o protesto por tempo indeterminado. As reivindicações são: reforma agrária, aumento de salários, mais verbas para áreas sociais e o fim da criminalização das lutas sociais. Os trabalhadores realizaram piquetes, bloqueios de estradas, ocupações e marchas e as lutas crescem a cada dia, enfrentando uma forte repressão. O Paraguai é o país da América Latina com maior desigualdade fundiária. Cerca de 1% de latifundiários detem 77% das terras.*

PALESTINA

Brasileiro é morto por tropas israelenses

No último dia 21, três palestinos foram assassinados por tropas de ocupação israelenses, na cidade de Betunia, a oeste de Ramalah. Um deles era brasileiro. Mohamad Hassan Musa, 22 anos, nascido em Quaraí (RS), também morou em Santana do Livramento e foi morar na Cisjordânia, com os pais onde viu de perto e sentiu na carne a opressão do povo palestino, por isso, tornou-se um ativista pela libertação dos territórios ocupados. O Consulado em Tel Aviv não mandou nenhuma assistência à família do jovem. Outros brasileiros de origem palestina já morreram em situações anteriores e a diplomacia brasileira nada fez.

LENIN E AS NACIONALIDADES OPRIMIDAS

O PROBLEMA das nacionalidades apontados por Lenin são muito atuais. A guerra nos Bálcãs, nos anos 1990, a situação da Chetchênia e da Ucrânia e as iniciativas imperialistas que visam colonizar a América Latina confirmam que as lutas dos povos oprimidos e as guerras de libertação nacional ainda são um dos principais fatores revolucionários em nosso mundo

WALDO MERMELSTEIN, especial para o Opinião Socialista

Esse é um dos aspectos mais importantes da contribuição de Lenin ao marxismo. Marx e Engels já haviam delineado uma clara posição a favor dos dois principais movimentos de luta contra a opressão nacional na Europa do século XIX – na Polônia, contra o império czarista e, na Irlanda, contra a dominação inglesa.

Ao final do século XIX, a Segunda Internacional começou a elaborar uma política mais precisa para a questão nacional devido a várias mudanças ditadas pela passagem do capitalismo para a fase monopolista e imperialista, conservando, criando e recriando os problemas nacionais e os generalizando a várias partes da Europa e depois ao mundo. Por um lado, ao estimular as migrações, reconfigurando os mapas de várias regiões da Europa, o que, no quadro das crises econômicas crescentes, levava à agudização das tensões nacionais, em especial na Europa Central, nos Balcãs e na Rússia, por outro, fechavam-se as portas para a dissolução pacífica de velhas tensões, como a presença de milhões de judeus pobres oprimidos na Rússia czarista, originando os modernos *pogroms*.

As potências européias partiram então para a disputa pelos mercados coloniais, fato que generalizou os *"incidentes"* e guerras coloniais, culminando, finalmente, na grande carnificina da Primeira Guerra.

A DISCUSSÃO ORIGINAL NA SEGUNDA INTERNACIONAL

Primeiro, a Segunda Internacional discutiu sobre a forma de organização dos trabalhadores, especialmente nos dois impérios multinacionais, o Áustro-Húngaro e o Russo. Lenin foi sempre inflexível contra qualquer organização partidária separada por nacionalidades, entendendo que a luta contra a autocracia e o capital teria de ser unitária. Foi esse o motivo principal de sua diferença com o *Bund* (Partido Socialista dos Trabalhadores Judeus que tinha grande força na zona habitada pelos judeus na Rússia, tendo sido a primeira organização socialista de massas do império). A negativa em conceder ao *Bund* o direito de representação separada e exclusiva dos trabalhadores judeus levou à divisão no Congresso da Social-Democracia russa de 1903.

POLÊMICA COM ROSA LUXEMBURGO

No marco da aceitação das posições clássicas da social-democracia pela fraternidade entre os povos e contra a opressão nacional, Lenin polemizou com Rosa Luxemburgo, que dizia que as lutas nacionais teriam perdido seu caráter progressista após a unificação italiana e alemã, ignorando o elemento mais importante que era como os trabalhadores e os povos explorados viviam o problema nacional. O início da discussão teve lugar na Polônia, onde Lenin era favorável ao direito de autodeterminação nacional como forma de fortalecer a luta contra o czarismo e de dialogar com as massas oprimidas polonesas, tentando assim evitar que as massas fossem levadas à armadilha do nacionalismo burguês e pequeno-burguês.

Mais tarde, a polêmica girou sobre o caráter das guerras, na qual Rosa extrapolou sua oposição correta – compartilhada com Lenin – contra a guerra imperialista de 1914, dizendo no seu livro *A Crise da Social-Democracia* que *"as guerras nacionais não são mais possíveis na época deste imperialismo desenfreado, os interesses nacionais somente servem como um instrumento de engano, para colocar as massas ao serviço de seu inimigo mortal, o imperialismo"*. Lenin se opôs a isso dizendo que se tratava de uma generalização abusiva, porque *"as guerras nacionais travadas pelas colônias e semi-colônias na época imperialista são não somente prováveis mas inevitáveis"* e que *"a continuação da política de libertação nacional inevitavelmente tomará a forma de guerras nacionais contra o imperialismo. Tais guerras poderiam levar a uma guerra imperialista... mas poderiam não fazê-lo"* (Sobre o *Folheto Junius* – Obras Completas XXIV, 247, em espanhol).

PARA LENIN, apenas o direito à autodeterminação poderia dar uma solução revolucionária para a opressão nacional, mostrando que os revolucionários não eram os velhos opressores com uma nova fachada de esquerda

Guerra na Bósnia

SUE COE

DEFESA DA AUTODETERMINAÇÃO NACIONAL

Lenin criticava duramente também a posição dos chamados *"austro-marxistas"* que não propunham o direito à autodeterminação e somente a autonomia cultural das nacionalidades oprimidas pelo Império Austro-Húngaro, o que seria segundo Lenin uma capitulação frente ao poder central. Para o revolucionário russo, apenas o direito à separação poderia dar uma solução revolucionária para a opressão nacional, já que somente a disposição de permitir a separação seria capaz de mostrar que os revolucionários não eram os velhos opressores com uma nova fachada de esquerda e, dessa forma, impedir a fragmentação do antigo Império em pequenos Estados inviáveis.

A REVOLUÇÃO DE 1917

A Revolução Russa colocou essa linha à prova. O balanço dos primeiros anos foi amplamente positivo em seu sentido geral: a) o Partido Bolchevique soube unir no seu interior os trabalhadores e explorados das várias nacionalidades para derrotar o inimigo comum e dirigir a tomada do poder, permanecendo unido frente às tremendas pressões centrífugas a que estava submetido o poder soviético durante a Guerra Civil; b) a oposição radical à secular opressão nacional que havia transformado a Rússia no *"cárcere dos povos"* foi uma das questões centrais para a vitória da Revolução. Como exemplo do respeito ao direito de autodeterminação das nacionalidades, inclusive sua separação sob a direção de governos burgueses, sobressaem os casos da Finlândia, da Polônia e dos países bálticos; c) foi implementada uma política de respeito aos direitos nacionais dos povos que permaneceram no Estado revolucionário, incluindo a restituição de tesouros religiosos aos povos muçulmanos, o estímulo ao desenvolvimento da língua e da cultura das nações não-russas, decisiva para influir no resultado da Guerra Civil que o novo regime enfrentou. A adesão das massas operárias e camponesas, incluindo as das nações periféricas à Rússia, foi decisiva para a derrota da invasão, pois os comandantes dos exércitos brancos não escondiam sua intenção de restaurar o velho e opressivo Império Grão-Russo.

Pôster com Stalin reforçando o mito do "pai dos povos"

O ISOLAMENTO DA REVOLUÇÃO E SEUS PROBLEMAS

Evidentemente, essa política teve erros (o mito da infalibilidade dos dirigentes é fruto da era stalinista), provocados pelas terríveis condições e pelo isolamento a que a Revolução foi submetida e devido ao seu caráter pioneiro. Mas o balanço deve examinar qual foi o sentido geral da política e qual foi a atitude dos dirigentes para corrigir os erros.

Um erro de avaliação, que é quase consensual, foi a invasão da Polônia em 1920. Contra a opinião de Trotsky, o Exército Vermelho, após rechaçar a agressão do governo Pilsudsky, tentou levar a revolução à Polônia e foi derrotado, pois subestimou os sentimentos nacionais dos trabalhadores e camponeses poloneses que viram nos russos os velhos opressores e não os libertadores sociais.

Os problemas de uma revolução em um país atrasado, obrigada a enfrentar o bloqueio econômico total e uma guerra civil que contou com a invasão de múltiplos exércitos imperialistas, causando 7 milhões de mortos, e o fracasso da primeira onda da revolução européia, traída pela social-democracia, refletiram-se no início do processo de burocratização do Estado e do partido. No terreno nacional, a tradução disso foi a permanência de um Estado que era, segundo Lenin, essencialmente russo. Lenin começou a se dar conta de que, na verdade, a tradicional opressão russa sobre os pequenos povos continuava sob outras formas, apesar das inegáveis conquistas. Seus últimos artigos dedicaram-se em boa parte a tratar dos problemas nacionais e deixou alguns ensinamentos importantes. Por exemplo, ao se discutir se a Ucrânia soviética seria parte da Rússia, que dizer, se comporia uma federação ou seria um país independente e solidário, Lenin disse que a delimitação exata das fronteiras era algo secundário frente à unidade contra o imperialismo.

Lenin lutou contra o que denominou *"chauvinismo grão-russo travestido de socialismo"*, expresso no trato brutal aos comunistas da Geórgia que não aceitavam serem incluídos na futura União Soviética como parte de uma Federação das Repúblicas do Cáucaso e queriam unir-se à URSS diretamente em igualdade de condições com a República Socialista Russa.

A III INTERNACIONAL

As teses da Internacional Comunista em seus primeiros quatro congressos, antes do processo de stalinização, baseiam-se nas elaborações de Lenin para as nacionalidades oprimidas e os movimentos nacionalistas nas colônias e semicolônias. Esses ensinamentos são mais atuais que nunca neste início de século XXI. Em primeiro lugar, porque as lutas dos povos oprimidos e as guerras de libertação nacional foram e ainda são um dos principais fatores revolucionários em nosso mundo, assumindo novas formas e contornos cada vez mais dramáticos, como foram as sangrentas guerras dos Bálcãs e do Cáucaso, onde a opressão nacional joga um papel importantíssimo. A nova investida colonizadora do imperialismo, em especial americano, busca restringir a já limitada independência dos países fora dos centros imperialistas, através de invasões (Afeganistão e Iraque) e da imposição de novos tratados e regras comerciais que diminuem drasticamente a soberania das nações como o Brasil frente ao *"mercado"* dominado pelos monopólios imperialistas (Alca e demais acordos do tipo).

> **NOS PAÍSES IMPERIALISTAS ou que oprimem outras nações, o dever fundamental dos revolucionários é o de lutar contra a opressão específica realizada por seu próprio país**

Tanque russo em Grosny, na Chechênia

UNIÃO DOS POVOS CONTRA OS OPRESSORES

Lenin insistia que os marxistas lutam pela união dos povos, pela fraternidade dos trabalhadores contra os opressores e que este é o eixo central que orienta sua política. Toda luta que ajude os trabalhadores nesse sentido é positiva e pode ser apoiada. É nesse marco que recomendava que nos países imperialistas ou que oprimem outras nações, o dever fundamental dos revolucionários era o de lutar contra a opressão específica realizada por seu próprio país. Isso significou, por exemplo, que os revolucionários franceses seriam medidos por sua luta a favor da independência da Indochina ou da Argélia (e no Brasil de hoje, na oposição irredutível ao envio de tropas ao Haiti). Com relação às nacionalidades oprimidas no interior de um império ou nação mais poderosa, em uma de suas frases simples, defendia *"o direito à separação"*, o que não se confundia com a adoção da bandeira da independência, pois era contrário à criação de pequenos países inviáveis, um retrocesso do ponto de vista do crescimento das forças produtivas. No entanto, frente à existência de um forte movimento independentista os revolucionários poderiam lhe dar apoio crítico, defendendo a Federação de Repúblicas Socialistas. A defesa do direito à separação seria uma posição para que não pairassem dúvidas da honestidade de propósitos, particularmente em se tratando de revolucionários de países opressores.

Em todos os casos defendia a independência dos trabalhadores e dos revolucionários frente aos nacionalistas burgueses e pequeno-burgueses, pois tinham eles muitas limitações inclusive na conseqüência da luta nacional, sem falar que sua estreiteza os levava a não encaminhar a luta contra o imperialismo e a opressão como uma luta comum dos trabalhadores e dos povos oprimidos (a negativa dos sandinistas em estender sua Revolução aos demais países da América Central é um exemplo trágico dessa miopia nacionalista).

No caso de ocorrer a independência, os revolucionários deveriam lutar pelo *"direito à unificação"*, ou seja, pela federação entre os países antes unidos, mas agora em bases socialistas e democráticas. No caso das colônias, a III Internacional era favorável à independência.

AÇÃO INDEPENDENTE DOS TRABALHADORES

Esta é a herança de Lenin para os marxistas elaborarem sua política para as questões nacionais, tão dramaticamente vigentes no mundo de hoje como fruto da decadência do sistema capitalista e dos anos de contra-revolução stalinista. No entanto, toda tentação de aplicação mecânica a realidade poderá redundar em equívocos, pois as questões nacionais têm sempre aspectos particulares, que se modificam ao longo do tempo.

Por exemplo, toda luta nacional tem de ser analisada no contexto internacional em que se desenvolve, se realmente provém de um legítimo movimento nacional ou é um joguete nas mãos de potências maiores (por exemplo, os *mujahedin* do Afeganistão armados pela CIA que lutavam contra a invasão soviética), ou é parte de um movimento reacionário (os movimentos de colonos contra antigas metrópoles ou o sionismo, movimento reacionário e colonizador supostamente representante de uma nação). O central é não esquecer que movimentos nacionalistas e os interesses da classe trabalhadora podem ter acordos táticos fundamentais, mas que as diferenças fatalmente surgirão no desenrolar das lutas, para o qual a independência política dos trabalhadores é indispensável.

Questão muito atual com a ofensiva imperialista contra o governo Chávez, na Venezuela.

GLOSSÁRIO

POGROMS
Perseguições violentas e assassinatos em massa de judeus na Rússia.

AUSTRO-MARXISTAS
Dirigentes do partido social-democrata da Áustria, como Otto Bauer, Max Adler e Karl Renner.

GOVERNO PILSUDSKY
Governo da Polônia dirigido pelo ditador marechal Jozsef Pilsudsky.

MUJAHEDIN
Guerrilha do Afeganistão que lutava contra a ocupação soviética. Os Mujahedin receberam financiamento da CIA.

LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS DO GOVERNO KIRCHNER

OS SEIS COMPANHEIROS encarcerados em Caleta Olivia sofreram um duro golpe esta semana. O Juiz de Instrução decretou a prisão preventiva

***WILSON H. DA SILVA,** da redação e **AMÉRICO GOMES,** da Direção Nacional do PSTU*

A prisão preventiva significa, pelas leis argentinas, que os companheiros poderão ficar presos por até oito meses, somente para que seja feita a investigação. Ao final deste prazo, eles podem inclusive ser julgados inocentes, mas terão passado todo este período na cadeia por lutarem por emprego e salário.

O pior pode acontecer. Se os seis, no fim do julgamento, forem condenados por todas as acusações, a pena pode chegar a até 16 anos de prisão.

Esta decisão demonstra o absurdo funcionamento da Justiça a serviço das elites. O que se pretende é estender por meses a chamada "prisão preventiva", sem qualquer tipo de julgamento. Algo que pode ser prolongado por até um ano e, depois, a Justiça pode simplesmente soltar os companheiros por falta de provas.

O objetivo é afastar os trabalhadores de suas lutas, tentar intimidar seus companheiros e, evidentemente, tentar enfraquecer qualquer tipo de pressão que esteja sendo feita por parte das campanhas de solidariedade.

Isto é o que eles esperam. O que temos de fazer é exatamente o oposto.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Para tentar reverter esta absurda situação devemos intensificar a campanha pela libertação dos companheiros.

Já são centenas de assinaturas de dirigentes sindicais, parlamentares e personalidades exigindo a liberdade dos presos políticos de Caleta Olivia. Foram feitas visitas aos Consulados de São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro e, no dia 25, uma comissão foi recebida pelo embaixador da Argentina.

Os próximos passos incluem o recolhimento de mais assinaturas em atos, manifestações, Câmaras Municipais, Assembléias Legislativas e no Congresso. O Comitê contra a Criminalização dos Movimentos Sociais e pela Liberdade dos Presos Políticos de Caleta Olivia irá produzir um cartaz e uma camiseta. Além disso, está sendo preparada uma vigília na frente dos consulados de todo o país para o dia 20 de dezembro, dia da insurreição conhecida como *argentinazo*, quando haverá uma grande manifestação em Buenos Aires.

Os presos argentinos estão passando por uma grave situação financeira. Por isso, o Comitê discutirá com sindicatos uma ajuda para a subsistência das famílias dos presos. A prefeitura de Caleta, que na greve de fome havia prometido ajudá-los, recuou. Esta campanha será internacional.

ATO NO DIA 25 INDICA O CAMINHO: INTENSIFICAR A CAMPANHA

FOTOS WLADIMIR SOUZA

Manisfestação em frente à embaixada argentina

No dia 25, ao final da marcha contra as reformas *(ver páginas centrais)* saiu uma caravana de ônibus em direção à Embaixada da Argentina para a entrega do abaixo-assinado contra a prisão dos companheiros de Caleta Olívia, ao embaixador argentino.

Apesar do cansaço e da necessidade de muitas delegações partirem imediatamente para suas regiões, mais de 100 pessoas lotaram os ônibus cedidos pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região.

Na Embaixada, uma comissão composta, dentre outros, por Ana Luiza, da Sintrajud, Luis Carlos Prates, o *Mancha*, do Sindicato dos Metalúrgicos de São José, Dirceu Travesso, o Didi, representando a Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), José Maria de Almeida, presidente nacional do **PSTU** e Wasny de Roure, deputado federal do PT.

Segundo *Mancha*, ter organizado a atividade foi importantíssimo e, certamente, trará repercussões: *"Foi visível o impacto da atividade sobre o embaixador, que declarou sequer saber da existência dos presos, mas não pôde conter a surpresa ao ver o abaixo-assinado encabeçado por um dos mais importantes cineastas argentino (Fernando Solanas), seguido de uma longa lista de senadores, deputados, além de centenas de sindicatos"*.

Ao final, os companheiros deixaram o local ao som da palavra de ordem *"Luchar, luchar, a los presos libertad!"*, lembrando que, cada vez mais, a liberdade de nossos irmãos na Argentina depende da luta dos trabalhadores de todo o mundo.

Embaixador recebe abaixo-assinado

Além de intensificar a campanha pela libertação, enviando moções para o governo argentino, é preciso também demonstrar solidariedade para com Selva Sanchez, Elza Orozco, Marcela Sandra, Maurício Perancho, Hugo Iglesias e Jorge Mansilla. Por isso, pedimos a todos que queiram se solidarizar com essa luta para que escrevam aos trabalhadores argentinos. Todas as mensagens são levadas diretamente para os presos. E, acreditem, lidas com muita atenção, emoção e orgulho por eles, que, a cada carta ou mensagem recebida, sentem mais forte a certeza de que esta luta vale a pena.

Endereço:
hugofosmaria@yahoo.com.ar, ou pela página do **PSTU**
www.pstu.org.br/caleta

CAMPANHA

DIRIGENTES POLÍTICOS PERUANOS ESTÃO PRESOS

Por estarem lutando contra a política de fome e miséria aplicada pelo governo Toledo, no Peru, vários dirigentes do movimento de professores e do movimento popular foram presos na cidade de Yurimaguas.

Entre eles está Jose Arevaldo, conhecido como Pepe, reconhecido dirigente da Frente de Defesa de Yurimaguas e militante do **Partido Socialista dos Trabalhadores (PST)**. Pepe recentemente dirigiu uma paralisação geral contra o governo Toledo e, por isso, foi preso e acusado de ter cometido "homicídio", acusação que pode lhe render 20 anos de detenção.

Apesar da repressão e das calúnias, há uma verdadeira mobilização popular na região pela sua liberdade. No fim de semana após a prisão, mais de 300 pessoas fizeram fila na delegacia para visitá-lo e expressar solidariedade e várias arrecadam fundos para os presos.

A campanha contra a criminalização dos sindicalistas está se estendendo por todo o Peru, com manifestações em outras cidades, inclusive em Lima. A **Liga Internacional dos Trabalhadores** se soma a esta campanha e prepara abaixo-assinados e visitas a embaixadas em vários países. O **PSTU** já enviou moções exigindo a liberdade imediata dos lutadores peruanos.